



Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

2015

UC/FPCE

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.

Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (e-mail:
anagradesilva@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações, do Trabalho e dos Recursos Humanos sob a orientação de Joaquim Pires Valentim

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo principal aprofundar o entendimento sobre as representações sociais do luso-tropicalismo e as emoções associadas à presença de imigrantes no mercado de trabalho português. A amostra é constituída por 148 estudantes universitários portugueses e os dados foram recolhidos com recurso a questionários autoadministrados. Devido à escassez de revisão da literatura e ao processo de construção em que os instrumentos ainda se encontram, esta investigação assume um cariz meramente exploratório. Os resultados confirmam os estudos já realizados, sugerindo a ineficácia do luso-tropicalismo como mecanismo de inibição do preconceito e a existência de emoções negativas associadas à presença de imigrantes no mercado de trabalho português, congruentes com a percepção de uma ameaça, que pode vir a originar comportamentos discriminatórios.

Palavras chave: luso-tropicalismo, representações sociais, preconceito, percepção de ameaça, emoções.

The emotions associated with the Luso-tropicalism and the perception of threat against immigrants in labor context: a study with Portuguese students.

Abstract

This study main objective was to understand the social representations of luso-tropicalism and the emotions associated with the presence of immigrants in the Portuguese labor market. The sample consists of 148 Portuguese university students and was collected using self-administered questionnaires. Given the scarcity of literature review and construction process in which the instruments are still in, this research is in a purely exploratory nature. The results confirm previous studies, suggesting the ineffectiveness of the Luso-tropicalism as prejudice inhibition mechanism and the existence of negative emotions associated with the presence of immigrants in the Portuguese labor market, consistent with the perception of a threat that is likely to give discriminatory behavior.

Key Words: luso-tropicalism, social representations, prejudice, threat perceptions, emotions.

Agradecimentos

Porque a construção desta dissertação foi uma longa caminhada onde muitos me acompanharam, não podia de deixar de demonstrar a minha gratidão.

Ao Professor Doutor Joaquim Pires Valentim pela excelente orientação e por nos permitir fazer da tese uma verdadeira fonte de aprendizagem e crescimento.

Aos meus pais e à minha irmã por serem sempre o meu suporte incondicional em casa.

À Ana e à Marina por terem sido a minha companhia nesta caminhada.

À Cátia pelo apoio, pelas conversas e desabafos quer pelas tardes de trabalho, quer pelas momentos de diversão e descontração. Foste a melhor pessoa que o mestrado me trouxe.

À Micas por me ensinar a relativizar e me mostrar que, quando se quer, 170km de distância não afetam amizades. À Maryjane, a minha *jukebox* favorita, por iluminar a minha tese com um excepcional gosto musical e por todos os momentos de partilha, de diversão e de cumplicidade.

Ao João Pedro e à Fátima pela eterna paciência e disponibilidade para responder às minha milhentas dúvidas e pelas palavras de coragem.

Aos 18, não por terem estado comigo durante todo o processo da tese, mas porque me acompanharam durante todo os 5 anos de curso. Sem vocês não guardaria tantas memórias e tão boas.

À Raquel e ao João que mesmo não fazendo parte da minha caminhada diária na tese são, sem dúvida, um dos meus pilares, aqueles amigos que sabemos que *no matter what, no matter when*, estão sempre lá sem que nunca mude.

E por último mas não menos importante, ao Gonçalo. Por seres mais que um namorado. Por seres melhor amigo, companheiro, o meu braço direito. Pelo apoio incessante e incondicional, pela paciência, pela tolerância, pelos incansáveis esforços de me motivar e, principalmente, por todo o amor que nunca falhou, nem nunca me faltou.

A todos, um sincero e eterno Obrigado.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	3
1.1. Luso-tropicalismo	3
1.2. Representações sociais.....	7
1.2.1. As representações sociais e o luso-tropicalismo	10
1.3. Preconceito.....	11
1.4. Emoções.....	13
1.4.1. As emoções, o preconceito e a perceção de ameaça	15
II - Objetivos.....	16
III - Metodologia	17
3.1. <i>Design</i> da investigação	17
3.2. Descrição da amostra	17
3.3. Instrumentos.....	18
3.4. Procedimentos de investigação adotados.....	20
IV – Resultados	21
4.1. Análises Fatoriais Exploratórias em Componentes Principais	21
4.2. Grupos concorrentes no mercado de trabalho nacional: Análises descritivas	27
4.3. Associação do luso-tropicalismo com a perceção de conflitos em Portugal e com as emoções.....	27
V - Discussão.....	28
VI - Conclusões	35
Referências Bibliográficas.....	37
Anexos	42

Índice de Tabelas

Tabela 1: Escala de Luso-tropicalismo - Análise em componentes principais, médias, desvios-padrão, estatísticas iniciais e saturação dos itens.....	22
Tabela 2: Perceção de conflitos - Análise em componentes principais: médias, desvios-padrão, estatísticas iniciais e saturação dos itens.....	24
Tabela 3: <i>Checklist</i> de Emoções - Análise em componentes principais, médias, desvios-padrão, estatísticas iniciais e saturação dos itens.....	26
Tabela 4: Grupos concorrentes no mercado de trabalho nacional - Estatísticas descritivas	27
Tabela 5: Correlações entre os fatores do luso-tropicalismo e os fatores da perceção de conflitos	27
Tabela 6: Correlações entre os fatores do luso-tropicalismo e os fatores das emoções	28

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Valores médios dos quatro fatores do luso-tropicalismo	23
Gráfico 2: Valores médios dos quatro fatores da perceção de conflitos	25
Gráfico 3: Valores médios dos dois fatores das emoções	26

Introdução

Na sequência das mudanças políticas, económicas e sociais que têm marcado as sociedades das últimas décadas, tem-se assistido ao desenvolvimento de uma verdadeira aldeia global de fronteiras mais flexíveis, que apelam à criação de um novo formato de relações políticas e a uma maior interligação e interdependência das nações e respetivas economias. O progresso tecnológico de uns países, a fome, a violência e a perseguição política de outros criam condições apelativas ao aumento das taxas de migração (Esses et al., 2001; Gondim et al., 2013).

Contudo, e apesar da abertura à diversidade que se proclama, continua a ser visível a existência de preconceito e parcialidade, não só em relação aos grupos minoritários dentro de um país, mas também em relação aos imigrantes de outros países (Esses et al., 2001), já que esta aldeia global apesar de potenciar a globalização, traz também consigo o crescimento da concorrência nos mercados de trabalho internos de cada país, provocando maior rivalidade entre compatriotas e também para com os emigrantes¹ (Gondim et al., 2013).

Só a Europa, durante a última década, recebeu mais imigrantes do que os EUA, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia em conjunto (Zick, Pettigrew & Wagner, 2008 *in* Santos, 2013). Portugal, por sua vez, também tem registado mudanças, com grande impacto psicossocial, nos seus fluxos migratórios – a emigração não abranda e tem-se registado uma elevada taxa de imigração² (Vala, Lopes & Lima, 2008).

Para melhor se perceber a pertinência de se abordar a temática do preconceito racial e étnico, em contexto laboral vou referenciar algumas estatísticas que ajudam a justificar a sua importância.

Segundo os Censos de 2011 a população imigrante representa, em Portugal, cerca de 3.7% do total de residentes do país³, sendo maioritariamente de nacionalidade brasileira, ucraniana, romena e

¹ Este fenómeno acentua-se nos países que apresentam um forte crescimento das taxas de imigração (Müller, 2003).

² Apesar da elevada taxa de imigração devido à crise económica tem-se registado um pequeno decréscimo desta mesma taxa.

³ Corresponde a 394.496 estrangeiros (Oliveira & Gomes, 2014).

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à perceção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

provenientes dos PALOP⁴ (cabo-verdianos, angolanos e guineenses) (SEF, 2012 *in* Santos, 2013; Oliveira & Gomes, 2014).

Desta população imigrante apenas 49% se encontra empregada e são, maioritariamente, canalizados para trabalhos pouco atraentes do mercado de trabalho português, que exijam poucas qualificações ou de condições de trabalho mais precárias, como a construção, a indústria e os transportes. Comparativamente aos portugueses há muito menos imigrantes a trabalhar nos grupos profissionais de topo⁵ (Oliveira & Gomes, 2014).

Por último, um aspeto que é também importante investigar é relativo ao contexto laboral. As autoras Oliveira e Gomes (2014) apontam para que, entre 2005 e 2013, tenham sido apresentadas cerca de 625 queixas de discriminação com base racial e étnica em áreas que vão desde da laboral, à saúde e à educação. Só as queixas por discriminação em contexto laboral representaram 20% do total.

Posto isto, penso que se torna bastante claro o porquê de ser relevante estudar as questões relacionadas com o preconceito em contexto de trabalho e as suas consequências, a todos os níveis.

Tendo isso em perspectiva, ao longo desta tese irei explorar e aprofundar o conhecimento sobre as representações sociais das ideias luso-tropicalistas confrontando com a literatura e os estudos já realizados sobre o preconceito. Por considerar a definição de preconceito de Stephan e Stephan (2000) que define preconceito como afetos negativos associados aos grupos exteriores, irei relacionar diferentes emoções por forma a entender quais as que são mais percebidas perante imigrantes no mercado de trabalho português, e cruzar os resultados com os estudos já realizados.

⁴ PALOP = acrónimo para Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

⁵ Apenas 13% trabalha nos grupos profissionais de topo, tendo assim uma diferença de 10 pontos percentuais comparativamente aos portugueses que têm 23% da sua população empregada nesse grupo (Oliveira & Gomes, 2014).

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.

Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

I – Enquadramento conceptual

1.1. Luso-tropicalismo

O luso-tropicalismo define-se como uma “suposta aptidão especial dos portugueses para a miscigenação biológica e cultural com os povos dos trópicos que conduziria à criação de algo novo e específico” (Valentim, 2003, p. 75): “sociedades multirraciais harmoniosamente integradas” (Alexandre, 1999a, pp. 391-392). Estas ideias surgiram pela primeira vez em 1933, com Gilberto Freyre e sua obra “Casa-Grande & Senzala” onde explora, com grande interesse, o processo de colonização do Brasil, a construção da sua identidade e o fenómeno da miscigenação dessa sociedade, durante os séculos XVI e XVII. É aí que se lançam os primeiros fundamentos do luso-tropicalismo que, embora não tenham conseguido, ao longo do tempo, alcançar o estatuto de disciplina científica permanece um conceito atual e com importância de estudo no mundo académico. O seu carácter científico foi, desde sempre, amplamente questionado e criticado por académicos de várias áreas (antropólogos, historiadores, entre outros), acabando por, progressivamente, ser considerado e definido como uma mera ideologia (Castelo, 1998, 2011; Vala, Lopes & Lima, 2008).

Sendo Freyre um dos contributos mais importantes na criação e desenvolvimento da doutrina luso-tropicalista, torna-se indispensável realizar uma (pequena) análise do seu percurso enquanto sociólogo e da evolução e transformações a que as suas ideias foram sujeitas, ao longo do tempo.

Além do luso-tropicalismo, o antropólogo também se destacou por ser um vigoroso defensor da mestiçagem enquanto um “processo positivo de constituição do tipo ideal de homem moderno para os trópicos” (Castelo, 2011, pp. 261-262), contrariando as tendências contemporâneas, de um período caracterizado pelo aumento do racismo em diversos países - como os Estados Unidos, Alemanha e, até mesmo, Brasil - e consequente disseminação da ideia de que a mistura de raças seria um foco de deterioração do povo e um “grave problema nacional” (Castelo, 1998, p.

111). Para Freyre, a miscigenação (quer biológica, quer cultural⁶) tornava-se algo essencial à criação de um ambiente caracterizado pela reciprocidade cultural entre colonizadores e o povo colonizado. Tal só era possível devido à “singular predisposição” dos portugueses “para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos” - explicada pelo “seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África” (Freyre, 1933, p. 33⁷).

Segundo Freyre, o povo português é detentor de três características específicas que o favoreceram no período de colonização (Castelo, 1998, 2011): A mobilidade - característica herdada dos judeus no período de formação de Portugal, foi “um dos segredos da vitória portuguesa; sem ela não se explicaria ter um Portugal quase sem gente (...) conseguido salpicar virilmente do seu resto de sangue e de cultura populações tão diversas e a tão grandes distâncias umas das outras”. A miscibilidade - proporcionada pela íntima convivência com os povos vizinhos e até invasores, fez com que nenhum povo colonizador, dos tempos modernos, tenha conseguido igualar os portugueses que colmataram a “escassez de capital-homem” com “extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer que pousassem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos”. Foi então assim, “misturando-se gostosamente com mulheres de cor” que se considera que foi a miscibilidade, mais do que a mobilidade, que permitiu compensar a carência de volume humano e colonizar áreas extensas ao longo dos vários continentes do mundo (Freyre, 1933, p. 35). Por fim, a terceira e última característica do povo português que o favoreceu na colonização e domínio dos povos tropicais, seria a aclimatibilidade. Devido às semelhanças climatéricas que Portugal tem com povos como África e Brasil ter-lhe-ia sido mais fácil adaptar-se ao clima característico dos trópicos - “o seu deslocamento para as regiões quentes da América não traria as graves perturbações da adaptação nem as profundas dificuldades de aclimação experimentadas pelos colonizadores vindos de países de clima frio” (Freyre, 1933, p. 36).

⁶ Alexandre (1999a) define miscigenação biológica como sendo os múltiplos cruzamentos entre brancos, índios e negros e a miscigenação cultural como sendo a adoção recíproca dos valores e formas de estar das várias populações com que estão em contacto.

⁷ Esta parte do livro foi consultada em pdf, sendo por isso a página 33 do pdf.

Seriam estas características que, aliadas às estratégias de integração na sociedade (ao invés de subjugação ou de assimilação do outro povo), permitiram a Portugal criar coesão interna e viver de forma harmoniosa, adaptando costumes e valores do povo colonizado, sem se verificar uma perda de identidade (Alexandre, 1999a; Castelo, 1998, 2011).

A receção da doutrina luso-tropicalista em Portugal deve ser dividida em dois momentos: o primeiro situa-se entre 1930 e 1940 e é marcado pela pouca receptividade a estas ideias, já no segundo, a partir dos anos 50, assistimos à incorporação destas ideias no discurso oficial do salazarismo (Castelo, 1998).

Durante as décadas de 30 e 40, o pensamento de Freyre não consegue obter qualquer reconhecimento por parte nem do regime português, nem dos colonialistas republicanos. Nesta época, tal como já foi referido anteriormente, a miscigenação “soava como uma heresia” (Alexandre, 1999a, p. 393) aos ouvidos de muitos intelectuais e políticos que a consideravam como uma fonte de efeitos nefastos, já que todos os mestiços eram considerados biologicamente inferiores, sendo, até, criadas políticas que tentavam impedir o convívio entre brancos e pretos e a mistura das “raças”, nas zonas coloniais (Castelo, 1998).

Com a chegada da década de 50 e o fim da 2ª Grande Guerra, o clima e a postura face às questões coloniais alteram-se. Embora Portugal se encontrasse numa fase de pleno crescimento e expansão do comércio ultramarino (com o estreitamento de laços com as colónias africanas e aumento das exportações), o contexto internacional era exatamente o oposto: adverso às teorias racistas que levaram ao Holocausto e aos movimentos de expansão colonial (Alexandre, 1999b).

É devido a este contexto e à crescente pressão externa anticolonialista que o Estado Novo tenta aproveitar, a seu favor, o prestígio internacional de Freyre, iniciando uma nova vaga de divulgação e propaganda da teoria luso-tropicalista, adaptada aos seus próprios interesses. Esta iniciativa tentava “moldar o pensamento [externo] para conformar a ação” (Castelo, 2011, p. 273), ou seja convencer, justificar e garantir, perante a comunidade internacional, a permanência de Portugal nas suas colónias através da promoção e valorização de manifestações identitárias portuguesas (Cunha, 1998). No essencial, a apropriação política do luso-tropicalismo tinha como

objetivo demonstrar como Portugal era, no fundo, uma só nação, “uma nação una, multirracial e multicontinental” que tinha “províncias ultramarinas” em vez de colónias (Valentim, 2003, p. 84). O recurso a esta doutrina e a divulgação acentuou-se ainda mais na fase final do regime, após a eclosão das guerras nas colónias africanas (Alexandre, 1999b).

Nesta fase de propaganda em massa das ideias luso-tropicalistas é preciso referir a grande importância que os *media* tiveram no sucesso da transmissão das ideias (Cunha, 1998).

Contudo, e apesar da forte penetração no meio académico e científico e, conseqüente aumento dos seus apoiantes, desde cedo que há referências de fortes críticas que acusam a teoria luso-tropicalista de não ser fiel à realidade.

Um dos primeiros a denunciar tal facto foi Mário Pinto Andrade que acusava Freyre de “generalizações prematuras” (a realidade do nordeste brasileiro não pode ser generalizada para as colónias africanas), de se desinteressar pelos aspetos económicos e políticos dos problemas coloniais e de não ter em conta a divergência entre a teoria e a prática, já que, contrariamente à crença de que o português foi um colonizador pacífico e de fácil integração nas colónias, Portugal em nada divergiu dos outros, assentando no racismo, na tensão racial e num ambiente onde nunca houve reciprocidade cultural (Castelo, 1998, 2011). Cunha (1998) demonstra-o também no seu artigo “Luso-tropicalismo, racismo e identidade” quando questiona criticamente “Como se fala de tolerância, adaptação e luso-tropicalismo quando as práticas individuais e as políticas governamentais constituem uma realidade insofismável?” (p. 78).

Outro crítico desta doutrina foi Boxer que na sua obra *Relações Raciais no império colonial Português* fala detalhadamente sobre as inúmeras diferenças entre o processo de colonização em África e no Brasil, chamando a atenção para as generalizações que são feitas e que devem ser interpretadas e assimiladas de forma cética. Além disso, também demonstra como as relações sociais durante o colonialismo, tal como já foi referido, não se caracterizaram pela integração harmoniosa: “Também não precisamos de recordar que cristãos e budistas, uns e outros aderentes de credos pacifistas que abominam o derramamento de sangue, se enfrentaram entre si em guerras sanguinárias intermitentes”, ”os portugueses não eram, nem são a

exceção a esta regra”. Não sendo “nem anjos, nem demónios”, os portugueses “eram seres humanos e agiram como tais”, variando a sua conduta “grandemente de acordo com o tempo, lugar e circunstâncias” (Boxer, 1963, pp. 119-120).

Por fim, outro aspeto que também foi sempre alvo de críticas foi o da mestiçagem, por dois motivos diferentes: o primeiro é relativo à crença de que a intensa miscigenação (que levou ao elevado número de mestiços) se deve à convivência pacífica e igualitária entre as raças, facto que não é correto nem fiel à realidade, já que tal se deve, apenas, ao número reduzidíssimo de mulheres brancas (Castelo, 1998); já o segundo advém do “elogio ao mestiço” e da sua elevação enquanto fator de excelência, que Freyre faz, tornando-se assim contraditório, uma vez que a sua preferência pelo mestiço acaba por ser, por si só, discriminatória (Valentim, 2003).

Apesar de todas as críticas e adulterações das ideias originais de Freyre, do seu progressivo descrédito e de todas as transformações político-sociais que foram decorrendo, o luso-tropicalismo sobreviveu (Valentim, 2005), continuando a ser uma ideologia estudada em várias áreas académicas e científicas. Segundo Alexandre (1999b) a permanência desta ideologia deve-se, não só ao peso da persistência dos aparelhos ideológicos do Estado Novo (principalmente da escola) na modelação das mentalidades, mas também a ideias que incorporam (e sempre incorporaram) os valores próprios da identidade nacional dos portugueses.

1.2. Representações sociais

O conceito de representação social surgiu pela primeira vez em 1961⁸, na dissertação de doutoramento de Moscovici (“*La psychanalyse, son image et son public*”) sobre as transformações que ocorrem quando uma teoria científica (como a psicanálise) é apropriada pelo senso comum (Miguel, 2010; Vala & Castro, 2013). Com esta obra um dos “pais fundadores da psicologia social europeia” (Jesuino, 1993, p.54) deu início a uma mudança do eixo tradicional das pesquisas em Psicologia Social que ficará, para sempre, marcada pela criação de um novo campo de estudo - o das representações sociais.

A noção de Moscovici teve como ponto de partida o conceito de

⁸ Esta obra foi editada pela 2ª vez em 1976.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

representação coletiva de Durkheim (1898). Este conceito, proveniente da sociologia, salientava a especificidade do pensamento coletivo em relação ao pensamento individual (Miguel, 2010) e pressupunha que as diversas formas de organização da vida social originam formas de pensar específicas – as representações coletivas – que são assumidas como uma realidade social completamente independente dos indivíduos de cada sociedade (Vala & Castro, 2013). Estas, são consideradas como entidades explicativas do conhecimento que englobam diversos fenómenos (ciência, religião e senso comum) que se impõem aos indivíduos como forças externas e que, sobre eles, exercem coerção (Moscovici, 1981, 1988). Uma das suas principais funções é a transmissão da herança coletiva dos antepassados que irá oferecer às sociedades contemporâneas toda a sabedoria e ciência acumulada ao longo dos anos (Alexandre, 2004) através da educação (Moscovici, 1988).

É, então, a partir deste conceito, que se revelava insuficiente para abranger a vasta diversidade de ideias e modos de vida das sociedades atuais, que Moscovici o tenta modernizar, reformular e adaptar às sociedades modernas – *thinking societies*⁹ – partindo para um novo conceito que contraria o seu carácter homogéneo, estático e determinista (Valentim, 2003; Valentim, 2011a). Para este, era necessário “to rethink representations as network of interacting concepts and images whose contents evolve continuously over time and space” (Moscovici, 1988, p. 220) e também “to turn the representation into a bridge between the individual and the social worlds and to link it with a view of a changing society that led to the terminological shift” (Moscovici, 1988, p. 219). Tal como sugere Valentim (2003, 2011a), a substituição do “coletivo” pelo “social” é mais do que um pormenor linguístico, pois traduz “a real change of perspective” (Moscovici, 1988, p. 218) e uma alternativa de cariz conceptual que pretende enfatizar a construção da realidade como “always in the making” (Moscovici, 1988, p. 219) e os indivíduos enquanto produtores de significado.

⁹ Nestas sociedades o conhecimento não é produto de um só indivíduo, mas sim gerado através do diálogo e das relações entre os sujeitos (Rose et. al, 1995 *in* Miguel, 2010), que constantemente têm uma postura crítica face aos acontecimentos e criam “*non-official philosophies*” que têm grande impacto nas relações, nas decisões, educação, entre outros. Caracterizam-se pela rápida circulação de ideias e pela coexistência de uma grande pluralidade de modos de organização do pensamento (Moscovici, 1981).

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

Neste sentido, Moscovici define representações sociais como “a set of concepts, statements and explanations originating in daily life in the course of inter-individual communications” (Moscovici, 1981, p. 181) que “should be seen as specific way of understanding, and communicating, what we know already” (Moscovici, 1984), ou seja, são teorias sociais práticas (Cabecinhas, 2004), ou do senso comum, relativas a conceitos abstratos que existem na sociedade e no quotidiano dos sujeitos¹⁰ (Valentim, 2011a).

Estas representações caracterizam-se por serem: coletivas – criam-se nas “*thinking societies*” e são divulgadas e difundidas através da comunicação; mescladas – são uma mistura de imagens, percepções e conceitos que nem sempre são coerentes entre si (Valentim, 2011a); dinâmicas, plásticas e de carácter móvel (Miguel, 2010). Contrariamente às representações coletivas, estas não são apenas uma herança coletiva, uma vez que os sujeitos têm, cada um, um papel ativo, autónomo e muito importante na construção da sociedade que, por sua vez, também o cria, contribuindo assim para o seu crescimento e desenvolvimento (Moscovici, 1978 *in* Alexandre, 2004).

O conceito de Moscovici tem recebido, desde sempre, críticas devido à sua imprecisão e carácter abstrato, contudo, este defende-se afirmando que tal facto é positivo e necessário devido à riqueza e complexidade do conceito e que a sua definição definitiva bloquearia a sua capacidade de evolução e mudança (Miguel, 2010) – “The demand for exactness of meaning and for precise definition of terms can have a pernicious effect, as I believe it often has had in behavioral science” (Kaplan, 1964, p.70 citado por Moscovici, 1988). Liu (2004, *in* Vala & Castro, 2013) acrescenta ainda que o conceito de representação social é um conceito “sensibilizante”, ou seja que pretende apenas oferecer orientação para o entendimento dos fenómenos empíricos, e não um conceito “definitivo” que apenas descreve as possibilidades observáveis.

Mas não tendo como mero objetivo transmitir conhecimentos já adquiridos, qual é a sua função? Segundo Moscovici (1981), estas tendem a transformar algo “não-familiar” em algo familiar e reconhecido, ou seja, desempenham um importante papel na interpretação, compreensão e

¹⁰ Valentim (2011a) dá como exemplo a doença mental, a inteligência, a SIDA e a violência.

construção da realidade que é comum a um determinado¹¹ grupo social (“*função de construção da realidade*”), permitindo, com isso, a construção da identidade pessoal e social (“*função identitária*”) e, conseqüentemente, orientar os comportamentos consoante o desejável, regular as relações entre os sujeitos (“*função de orientação dos comportamentos para a ação*”) e auxiliar na justificação de determinados comportamentos e tomadas de decisão (Abric, 1997a *in* Miguel, 2010; Cabecinhas, 2004; Miguel, 2010).

Na história das representações sociais existem três abordagens distintas: a abordagem culturalista de Denise Jodelet, a abordagem estrutural de Abric e a abordagem dos princípios organizadores de Willem Doise. A primeira - a que se mantém mais fiel à proposta de Moscovici – caracteriza as representações sociais como que um “mapa de conteúdos” e enfatiza a sua natureza dinâmica e a necessidade de as contextualizar ao nível social e histórico, articulando ideias de diversas disciplinas científicas. Por sua vez, Abric centra-se nos conteúdos cognitivos das representações e vem propor que é necessário analisar a estrutura¹² interna das representações para se compreender a sua dinâmica e respetivos processos de funcionamento. Por fim, a abordagem de Doise tem como preocupação principal identificar os princípios que estão na origem das tomadas de posição individuais (Miguel, 2010).

1.2.1. As representações sociais e o luso-tropicalismo

Escolher a teoria das representações sociais como modelo para entender melhor a permanência, ou não, das ideias do luso-tropicalismo prende-se com o facto das representações sociais ao serem uma “*grand theory*”¹³, como lhe chama Doise (1993 *in* Valentim, 2011b), constituírem

¹¹ Relativamente a este aspeto é importante ressaltar que o que é real para uma determinada cultura pode não o ser para outra, daí haver diferenças notáveis entre cada grupo social ou sociedade (Alexandre, 2004).

¹² A ideia principal que está subjacente a esta abordagem é a de que todas as representações estão organizadas e estruturadas em função de dois sistemas distintos mas complementares – o sistema central e o sistema periférico. Assim, as representações organizam-se à volta de um elemento estruturante – o núcleo – que vai determinar a organização interna e os significados associados a essa mesma representação (Miguel, 2010).

¹³ Segundo Doise (1993 *in* Valentim, 2011b) o principal papel destas “grandes teorias” prende-se com a orientação da pesquisa para as conceções gerais sobre o funcionamento individual e social.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

uma boa ferramenta para entender todo o processo de apropriação dos conceitos abstratos do senso comum e a sua transformação em algo concreto e com um significado cultural (Valentim, 2011b).

1.3. Preconceito

Recordando as estatísticas referidas anteriormente, arrisco afirmar que, em Portugal, é visível a existência de uma clara discrepância, a todos os níveis, entre os portugueses e imigrantes. É que, embora seja visível uma mudança nas políticas sociais e nos discurso ideológicos, com vista à repressão e à diminuição dos comportamentos discriminatórios, aquilo a que se assiste é que os grupos maioritários desenvolvem estratégias que contornam estas leis e normas sociais, criando novas formas de expressão do preconceito que perpetuam as práticas discriminatórias mais subtis e encobertas (Pereira, Torres & Almeida, 2003). O aumento dos ataques terroristas e o crescente poder que alguns grupos terroristas (o autoproclamado Estado Islâmico, Al Qaeda) manifestam contribuem para a criação de uma cultura de medo face a determinadas etnias e grupos culturais acentuando as respostas discriminatórias.

Assim, definir preconceito envolve também reconhecer a existência de duas novas e contrastantes formas de expressão: o preconceito flagrante e o preconceito subtil (Pettigrew & Meertens, 1995). Partindo da aceção de Allport (1958, p. 10, citado por Pettigrew & Meertens, 1995) podemos definir este conceito como “an antipathy based upon a faulty and inflexible generalization”. Pettigrew e Meertens (1995, p. 58) acrescentam ainda que, as atitudes preconceituosas “tend to form ideological clusters of beliefs that justify discrimination” e que “what we shall label blatant and subtle prejudice are two contrasting expressions of this central phenomenon”. O preconceito flagrante é “*hot, close and direct*”, caracteriza-se pela perceção de ameaça, e consequente rejeição do exogrupo e pela oposição ao contacto com esse mesmo grupo. Por sua vez, o preconceito subtil é “*cool, distant and indirect*”, caracterizando-se pela defesa dos valores tradicionais do endogrupo¹⁴ (os sujeitos do exogrupo são sempre vistos como estando a agir

¹⁴ A crença de que as minorias têm que se “esforçarem mais” e “*work their way up*” são bons exemplos de indicadores de preconceito subtil (não prejudicial) (Pettigrew & Meertens, 1995)

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à perceção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

de forma inadequada), pelo exagero das diferenças culturais através da estereotipagem (em vez de invocar, como antigamente, a inferioridade genética entre as diferentes raças) e pela negação de emoções positivas em relação ao exogrupo.

A discriminação é um conceito que “anda de mãos dadas” com o preconceito mas que dele difere, uma vez que – sendo influenciado pelos estereótipos - é o comportamento objetivo e específico que diferencia o sujeito do exogrupo (Gondim et al., 2013). Por sua vez, os estereótipos são crenças e conhecimentos socialmente partilhados pelo endogrupo relativamente às características que os sujeitos (externos) demonstram ter por fazerem parte de determinada categoria social¹⁵ (Tajfel, 1982). Estes estereótipos são responsáveis por criar diferenciação entre os sujeitos e, inevitavelmente¹⁶, dar origem a avaliações enviesadas sobre os outros. Este processo psicológico de diferenciação intergrupala¹⁷ representa um dos principais potenciadores da formação de estereótipos e preconceitos (Abrams & Hogg, 1990 *in* Pereira, Torres & Almeida, 2003).

Para terminar a análise deste capítulo há um último aspeto que considero essencial desenvolver para a melhor compreensão da temática e, posteriormente, dos resultados estatísticos. É ele, a possível origem do preconceito e os seus fatores psicossociais. Segundo Stephan e Stephan (2000; Gondim et al, 2013) o Modelo da Ameaça Integrada explica quatro tipos de ameaça que podem explicar a existência do preconceito: a ameaça realística, ou seja há uma ameaça (real ou não) à existência do grupo – aos seus recursos ou ao seu poder económico e político; a ameaça simbólica, ou seja aos valores, crenças e padrões; a ansiedade intergrupala que se deve ao facto das pessoas se sentirem pessoalmente ameaçadas; e os estereótipos negativos que geram expectativas negativas de interação. Estas perceções de

¹⁵ Neste processo de categorização as pessoas utilizam teorias de senso comum sobre as características principais que os diferenciam (Pereira, Torres & Almeida, 2003) e que simbolizam o elo de ligação entre a teoria das representações sociais e o estudo do preconceito.

¹⁶ Segundo Tajfel (1982), a própria consciência de que existem outros grupos além do nosso dá azo a que haja comparações.

¹⁷ Tajfel (1982) defende que os indivíduos estão motivados para procurar e manter uma identidade social positiva. Assim, quanto maior o sentimento de identificação com um grupo, maior a tendência a diferenciar positivamente o endogrupo em comparação com o exogrupo, de forma a manter uma identidade social positiva (Gondim et al., 2013; Pereira, Torres & Almeida, 2003).

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

ameaça e respetivas respostas comportamentais face ao grupo exterior emergem com base na relação entre os dois grupos e fatores histórico-sociais que os antecedam (Cottrell & Neuberg, 2005).

Também a teoria dos conflitos reais entre grupos (“*Realistic group conflict*”) explica, em parte, a existência dos comportamentos discriminatórios na medida em que sugere que a competição por acesso a recursos limitados (como o trabalho) leva a maior conflito entre grupos (Sherif, Harvey, White, Hood & Sherif, 1961 *in* Zárate et al., 2004). Nesse processo o endogrupo passa a ver o grupo exterior como concorrência, levando assim ao preconceito. Para que estes “concorrentes” possam aceder aos recursos terão que ser percecionados como semelhantes ao grupo maioritário nas dimensões relevantes. Por exemplo, se as pessoas acreditam que os imigrantes ocupam os seus lugares no mercado de trabalho é expectável que tenham comportamentos e atitudes mais negativos para com eles (Zárate et al., 2004).

Segundo a teoria luso-tropicalista o português é recetivo e aberto aos imigrantes, porém, considerando as estatísticas das taxas de imigração e o contexto socioeconómico atual, será que a disputa por um lugar no mercado de trabalho interno não irá desencadear a perceção de ameaça e maior competitividade? Por este motivo, os imigrantes ficam “entre a espada e a parede”, tal como o estudo de Esses et al (2001) conclui, já que são, independentemente da sua situação económica e laboral, sempre considerados como uma ameaça: se estão desempregados são percecionados como um cargo e um desperdício dos subsídios do Estado, mas se forem bem sucedidos o seu país anfitrião poderá percecionar que estes só têm sucesso à sua custa. No fundo, as atitudes para com os imigrantes e a imigração em geral, são largamente modeladas pela perceção de que estes competem, a todos os níveis, por recursos com os cidadãos do país que os recebem.

1.4. Emoções

As emoções são uma importante componente das relações sociais já que são consideradas como o sistema de comunicação básica da espécie humana independentemente da sua cultura (Abreu, 2013). São importantes porque as emoções e os seus estados afetivos podem explicar tanto

comportamentos pró-sociais como atos de violência e discriminação (Gondim, et al., 2013)

Ainda que seja fácil todos reconhecerem o que são as emoções, na hora de as definir tudo se torna mais complexo dado que estas são muito mais do que apenas a sua expressão ou o seu sentimento (Reeve, 2009).

Para começar, são constituídas por quatro componentes: 1) sentimentos – dão às emoções a sua experiência subjetiva e correspondem ao modo particular e único como cada um se sente; 2) propósito e direção – as emoções ajudam a estabelecer objetivos, direcionando o sujeito para responder às situações de forma adaptativa (uma pessoa que “não” tenha emoções é alguém que passa a estar em grande desvantagem, já que, por exemplo, em situações de sobrevivência não ter emoções significa não sentir medo o que pode levar a que o sujeito não tome as precauções necessárias); 3) reação biológica – há uma ativação biológica que prepara o corpo para responder fisicamente e de forma adaptativa às situações; 4) expressão social – componente social das emoções, pois estas permitem que, durante a interação, seja transmitido de forma não verbal através de gestos, diferentes tons de voz, etc., [“usam o corpo como teatro” (Damásio, 2008, p. 72)] como nos sentimos no momento (Reeve, 2009).

Apresentadas estas 4 componentes, torna-se possível compreender que as emoções são um construto psicológico que as une e coordena. São “*short-lived, feeling-arousal-purposive-expressive phenomena*” que, partindo de um acontecimento significativo, permitem aos sujeitos adaptarem-se às oportunidades e aos desafios com que se deparam no dia a dia (Reeve, 2009, p. 301).

Relativamente ao número de emoções que existem Gondim et al (2013; Leyens et al., 2000; Damásio, 2008) referem a existência de duas¹⁸ categorias principais: as emoções básicas ou primárias constituídas pela tristeza, alegria, repulsa, surpresa, medo e raiva e as emoções secundárias constituídas por emoções como culpa, inveja, vergonha, orgulho, ciúme, entre outras. Estas diferem da primeira categoria por serem autoconscientes, ou seja, são fruto da internalização das normas sociais, da capacidade de

¹⁸ Na fase de recolha de dados as emoções escolhidas para integrar o instrumento relativo às emoções foram escolhidas considerando as categorias emoções positivas e emoções negativas. Ainda assim achei pertinente e de valor apresentar aqui esta forma de categorização, já que é a mais comum na literatura.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

autoavaliação das ações e pensamentos e da identidade pessoal dos sujeitos (Gondim et al., 2013). Damásio (2008) acrescenta ainda uma outra categoria, a das emoções de fundo que engloba o bem-estar, o mal-estar, a calma ou a tensão.

1.4.1. As emoções, o preconceito e a percepção de ameaça

Segundo uma abordagem sociofuncional, as emoções funcionam como mecanismos que ajudam no processo de procura de objetivos, já que sinalizam a presença de situações que ou ameaçam, ou potenciam o alcance das metas desejadas e direcionam o comportamento para eliminar as possíveis ameaças ou para exploração e aproveitamento das oportunidades. Uma das suas características é a sua variabilidade, pois diferentes situações evocam diferentes emoções¹⁹ consoante a percepção da situação que o sujeito ou o grupo tem e, conseqüentemente, diferentes respostas adaptativas. Por exemplo, a percepção de perda de recursos valiosos produz raiva e tendência para a agressão, a percepção de contaminação física ou moral produz sensação de nojo e uma tendência para afastar o objeto ou a ideia contaminada e a percepção de ameaça à segurança física gera medo e vontade de fugir (Cottrell & Neuberg, 2005; Mathews & Levin, 2012). Estas três emoções (raiva, nojo, medo) são emoções básicas que têm como função a manutenção da sobrevivência (Ekman, 1999 *in* Mathews & Levin, 2012).

A raiva é experienciada quando as pessoas enfrentam obstáculos aos resultados desejados o que sugere que, quando sentida ao nível grupal, é mais provável de ocorrer quando um grupo externo é percecionado como estando a ganhar mais recursos económicos (por exemplo, a ocupação de postos de trabalho), a danificar propriedades do endogrupo, ou a interferir com as normas estabelecidas. Este sentimento pode contribuir para que haja comportamentos agressivos e discriminatórios. Por sua vez, o nojo²⁰ é geralmente provocado quando algo é considerado como contaminante (física ou moralmente) e provável de ocorrer quando um grupo externo promove valores e ideais (e.g. tradições, culturas, religião) que se opõem ou diferem

¹⁹ “(...) *Qualitatively different emotions tend to be associated with qualitatively different actions: People have the urge to aggress against those who anger them, escape those who frighten them, and avoid close contact with those who disgust them*” (Cottrell & Neuberg, 2005, p.786).

²⁰ Esta aversão motiva comportamentos que minimizem a contaminação.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

dos seus. Por fim, o medo predomina quando o grupo exterior representa uma ameaça à segurança física. Também é considerado como uma reação emocional secundária à percepção de que esse outro grupo simboliza uma incerteza face ao bem-estar futuro já que pode vir a constiuir uma ameaça aos recursos económicos (Cottrell & Neuberg, 2005; Mathews & Levin, 2012).

Os sujeitos experienciam, então, um vasto conjunto de emoções intergrupais que são experienciadas quando estes se identificam com um grupo que passam a encarar como sendo elemento da sua própria identidade individual e pessoal, adquirindo, assim, significância emocional e social. Quanto mais forte for a identidade social mais os indivíduos interpretam as situações como benéficas ou perniciosas para o seu grupo, experienciando diferentes emoções e, conseqüentemente, diferentes comportamentos (Cottrell & Neuberg, 2005; Gondim et al., 2013).

II - Objetivos

O presente estudo parte das representações sociais para perceber a persistência, ou não, das ideias luso-tropicalistas nos estudantes portugueses e o seu possível impacto nas relações para com os imigrantes. É a partir desta compreensão que, depois, procuro averiguar que emoções estão associadas e confrontar esses resultados com os estudos já realizados sobre os comportamentos associados a cada emoção.

A decisão de estudar estas variáveis, e de as relacionar, prendeu-se com o facto de a revisão da literatura revelar uma escassez de estudos e conclusões sobre esta temática.

Assim, esta investigação assume uma natureza exploratória que procura abrir horizontes face às associações entre as variáveis luso-tropicalismo e emoções.

Desta forma, com este estudo pretendo alcançar conclusões sobre:

- i. Perceber de que forma é que as representações sociais do luso-tropicalismo continuam presentes na comunidade portuguesa, mais concretamente na amostra de 148 estudantes portugueses;
- ii. Contribuir para a validação da escala de luso-tropicalismo;
- iii. Analisar quais são os grupos de imigrantes mais

percecionados como concorrentes no mercado de trabalho nacional;

- iv. Analisar as emoções mais associadas à presença de imigrantes no mercado de trabalho português.

Cumprindo-se estes objetivos acredito que, independentemente, dos resultados obtidos será possível aprofundar mais este tema e lançar novas questões que sirvam de base para futuras investigações.

III - Metodologia

3.1. *Design* da investigação

O *design* metodológico deste estudo consiste num plano não experimental, uma vez que pretendemos conhecer a relação existente entre as variáveis e não nos é possível manipular as variáveis independentes e não é possível controlar as diferenças individuais dos sujeitos inquiridos (Alferes, 1997). Apresenta também um carácter descritivo, ao explorar as frequências e médias dos dados obtidos, e exploratório devido à escassez de estudos prévios, o que leva a que as hipóteses sejam formuladas ao longo da investigação ou ocorram com os seus resultados.

3.2. Descrição da amostra

A amostra foi recolhida com recurso ao método de amostragem ocasional que, embora tenha como desvantagem o facto de não criar amostras representativas e, por isso mesmo, não ser aconselhável fazer generalizações e extrapolações para a população geral, é o método mais cómodo, económico e rápido (Hainaut, 1997).

É constituída por 148 estudantes portugueses de ciências sociais, principalmente da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação²¹ da Universidade de Coimbra (MIP=66.2%, LSS=23.6%, LCE=9.5%)²², com idades compreendidas entre os 17 e os 61 anos ($M=20.34$, $DP=5.713$)²³, sendo 88.5% mulheres e apenas 11.5% homens.

²¹ Dos 148 indivíduos que participaram só 1 é aluno de Antropologia (curso pertencente à Faculdade de Ciências e Tecnologia).

²² MIP= Mestrado Integrado em Psicologia; LSS=Licenciatura em Serviço Social; LCE= Licenciatura em Ciências da Educação.

²³ 5 sujeitos não assinalaram a sua idade.

A recolha dos dados teve por base o método do questionário autoadministrado. Este procedimento foi escolhido por ser de baixo custo, exigir poucos recursos e permitir recolher muita informação de uma só vez e de forma estandardizada. Considerando as condições físicas (salas pequenas onde os inquiridos estavam, na maioria das vezes, sentados lado a lado) em que a recolha foi feita, uma das suas grandes desvantagens é a possibilidade de se poder vir a verificar o fenómeno da desejabilidade social²⁴ (Brewerton & Millward, 2001).

3.3. Instrumentos

Tal como já referido anteriormente, a metodologia utilizada foi o questionário autoadministrado. Este questionário é constituído por várias secções de origem diferente (algumas foram adaptadas para este objetivo específico), sendo as mais pertinentes para o estudo das variáveis em questão, as seguintes:

- Escala de luso-tropicalismo

Foi inicialmente desenvolvida por Valentim (2003) e posteriormente adaptada por Pereira, Barros, Torres e Valentim (2015) para uma escala com 13 itens. A versão que usamos é constituída por 17 itens. Os itens são pontuados segundo uma escala de Likert onde 1 significa *concordo completamente* e o 7 *discordo completamente*²⁵.

Para efeitos posteriores de análise de dados, foi necessário inverter a pontuação em 4 itens²⁶ de forma a que, quanto maior fosse a pontuação nesses itens, maior a concordância com as ideias luso-tropicalistas.

²⁴ Brewerton e Millward (2001) definem desejabilidade social como sendo “*attempt to respond in a socially desirable*”, ou seja “*they [the participants] will attempt to select the response option which places them in the best possible light given the context of the survey*” (p. 105). O facto da temática implícita no questionário ser o preconceito que é um assunto polémico e de delicada discussão pode contribuir para o aumento deste fenómeno.

²⁵ No questionário original, de Valentim (2003), a escala era pontuada apenas do 1 ao 5.

²⁶ Os itens invertidos são: “As pessoas de outras culturas têm mais dificuldade em integrar-se na sociedade portuguesa do que noutros países”, “O passado colonial de Portugal foi uma história de violência e barbaridade”, “A história colonial portuguesa caracterizou-se pela exploração e segregação dos povos colonizados” e “Hoje em dia, a harmonia entre os portugueses e as pessoas de outras culturas é pequena comparada com a de outros países”.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.

Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

- Escala de percepção de conflitos

Esta escala foi retirada do estudo de Doise, Spini e Clemence (1999) sobre os as representações sociais dos direitos humanos. É pedida a opinião dos participantes relativamente à existência de conflitos em Portugal entre indivíduos de 13 categorias sociais diferentes²⁷ (e.g. religião, origem nacional etc.). Utilizando também a pontuação de uma escala de Likert, os sujeitos tiveram que responder considerando o 1 como *nenhuns conflitos* e o 7 como *muitos conflitos*.

- Checklist de emoções

Nesta secção foi apresentada uma lista de 12 emoções (6 positivas e 6 negativas)²⁸ onde os sujeitos tiveram que pontuar de 1 (*nada*) a 7 (*muito*) o que sentem quando pensam nos imigrantes que vêm trabalhar para Portugal.

As emoções foram escolhidas através de listas que já existiam em estudos anteriores: os itens tolerância, sociabilidade, simpatia, solidariedade, confiança e compreensão foram retiradas do estudo de Gondim e colaboradores (2013); e os itens repulsa, hostilidade, intimidação, indignação, humilhação e medo do estudo de Poeschl, Valentim e Silva (2014).

- Grupos concorrentes no mercado de trabalho

Nesta parte do questionário foi pedido aos sujeitos que identificassem quais os grupos de imigrantes que percepcionavam como sendo os mais fortes concorrentes no mercado de trabalho nacional, tendo como referência 7 categorias diferentes: Africanos Lusófonos (provenientes de países com língua oficial portuguesa), Brasileiros, Latino-americanos não brasileiros, Asiáticos, Europeus dos países de leste e Outros.

Adicionalmente também foi pedido aos participantes que indicassem alguns dados sociodemográficos como o sexo, a idade, nacionalidade, religião, estado civil, curso e ano de curso, situação profissional, orientação política, profissão e habilitações dos pais.

²⁷ Estas categorias foram retiradas da declaração dos direitos humanos (Doise, Spini & Clemence, 1999).

²⁸ As emoções positivas são tolerância, sociabilidade, simpatia, solidariedade, compreensão e confiança. As emoções negativas são repulsa, medo, hostilidade, intimidação, indignação e humilhação.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

3.4. Procedimentos de investigação adotados

Numa primeira fase realizaram-se análises estatísticas de carácter descritivo de forma a conhecer e perceber os resultados mais gerais dos dados. Para tal, identifiquei as frequências absolutas e relativas, as médias aritméticas (medidas de tendência central) e os desvios-padrão (medidas de dispersão e variabilidade).

Estas análises (e todas as outras que lhe seguem) foram realizadas com recurso ao programa informático de tratamento estatístico SPSS²⁹, versão 22 de 2013.

De seguida realizei uma análise fatorial exploratória de componentes principais³⁰ tendo em vista três objetivos: (1) reduzir o conjunto de dados obtidos em cada uma das variáveis em estudo, através da criação de fatores claros e explicativos, mantendo sempre o máximo possível de informação original; (2) validar a escala de luso-tropicalismo de forma a contribuir para a sua progressiva construção; (3) entender melhor a estrutura do conjunto de dados obtidos para cada variável (Field, 2005). Tendo em vista estes objetivos, foram realizadas análises fatoriais exploratórias de componentes principais para as variáveis Luso-tropicalismo, Emoções e Perceção de conflitos.

Para perceber a viabilidade, ou não, da utilização deste método efetuei, previamente às ACP's, o teste de esfericidade de Barlett³¹ e analisei a medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin³² para as 3 variáveis mencionadas anteriormente.

Por último foram realizadas correlações entre os resultados da escala de luso-tropicalismo e das emoções de forma a tentar perceber que associações existem.

²⁹ SPSS = *Statistical Package for the Social Sciences*

³⁰ Field (2005) define análise fatorial de componentes principais como “*a technique for identifying groups or clusters of variables*” (p. 621).

³¹ O teste de esfericidade de Bartlett testa se a matriz de correlação é uma matriz de identidade, o que indicaria que não há correlação entre os dados e, por isso, não seria possível realizar a análise fatorial.

³² O teste KMO é uma estatística que indica a proporção de variância dos dados que podem ser considerados comum a todas as variáveis. Quanto mais próximo for de 1 mais adequada é a amostra à explicação da análise fatorial.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à perceção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.

Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

IV – Resultados

4.1. Análises Fatoriais Exploratórias em Componentes Principais

Luso-tropicalismo

Antes de iniciar a realização da análise fatorial desta variável tentou-se averiguar a sua viabilidade através dos testes de KMO e Bartlett. Os resultados indicam que a análise fatorial é viável já que, a medida de adequação da amostra de KMO foi de .79 – que segundo Kaiser (1974 *in* Field, 2005) indica um bom nível de adequação – e que o teste de esfericidade de Bartlett também se revelou significativo ($\chi^2(136) = 770.755$, $p < .001$).

Conferida a viabilidade da análise fatorial, a solução pela qual optei como sendo a mais praticável tem como critérios a existência de valores próprios superiores a 1, rotação *varimax* e supressão de todos os coeficientes de saturação inferior a .40. Com isto obtive uma solução que distribui os 17 itens da escala em 4 fatores que explicam 56.44% da variância total. Contudo, observando com atenção a matriz de correlação, verifica-se que existem 4 itens que saturam em mais de .40 em vários fatores. Para não ser necessário partir logo para a realização de outra ACP, com outros critérios, e já que os itens se enquadravam em ambos os fatores onde saturavam, optei por deixar esses mesmos itens no fator onde apresentavam saturações mais altas³³.

Desta forma, é possível concluir que os itens da escala de luso-tropicalismo podem ser distribuídos em 4 fatores distintos: o Fator Harmonia constituído por 5 itens, reúne os itens relacionados com a harmonia que se vive em Portugal (por ex.: Faz parte da tradição portuguesa relacionar-se bem com os outros povos); o Fator Passado, composto por 3 itens, relaciona-se com aspetos do passado colonial de Portugal (por ex.: A colonização portuguesa não teve o carácter opressivo que se verificou no caso de outras nações); o Fator Capacidade de Adaptação, com 5 itens, relaciona a facilidade de adaptação quer dos portugueses, quer dos imigrantes (por ex.:

³³ Ainda foram realizadas outras ACP's onde os itens que saturavam em vários fatores eram eliminados, contudo tal processo revelou-se bastante demorado e com resultados pouco claros e directos facto que contribuiu para a decisão de optar por uma solução mais simples e evidente.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

Ao longo da história da colonização, os portugueses demonstraram uma singular capacidade de adaptação à vida nas regiões tropicais); e, por fim, o Fator Especificidade Cultural, constituído apenas por 2 itens³⁴, que se relaciona com as características do povo português (por ex.: Hoje em dia, a harmonia entre os portugueses e as pessoas de outras culturas é pequena comparada com a de outros países).

Tabela 1. Escala de Luso-tropicalismo - Análise em componentes principais: médias, desvios-padrão, saturação dos itens em 4 fatores após rotação varimax e estatísticas iniciais (N=141).³⁵

	M	DP	Fatores			
			F1 Harmonia	F2 Passado	F3 Adaptação Recíproca	F4 Especificidade Portuguesa
Conflitos entre PT e outros são pequenos	5.04	1.247	.794	.062	.010	-.014
Em PT há menos racismo	4.14	1.093	.722	.216	.007	.214
Outras culturas mais respeitadas em PT	4.18	1.023	.690	.079	.078	.233
Boas relações com outros povos	5.09	1.038	.595	.030	.410	.303
Mestiçagem com povos colonizados	4.29	1.066	.566	-.017	.286	-.084
A colonização PT não foi tão opressiva como outras nações	3.96	1.239	.308	.775	.069	-.102
Passado colonial PT violento e bárbaro	4.21	1,235	-.033	.728	.062	.136
A colonização dos PT caracterizou-se pela exploração e segregação	3.38	1.105	-.101	.722	.002	.294
História colonial PT mais pacífica que as outras	4.11	1.342	.375	.583	.235	-.110
PT adaptaram-se à vida nos trópicos	4.62	.930	.065	-.031	.690	.038
Integração com povos colonizados	3.94	1.477	.409	.401	.547	-.151
Características dos PT favoreceram colonização harmoniosa	4.23	1.181	.369	.469	.527	-.244
Imigrantes têm boa impressão dos PT	5.26	.898	.036	.122	.506	.167
PT têm boa impressão dos imigrantes	4.07	1.132	.004	.399	.500	.218
Cultura PT facilita integração de outras	5.24	1.108	.349	-.117	.483	.373
Outras culturas têm + dificuldade na integração em PT	4.87	1.043	.079	.050	.189	.804
Harmonia entre PT e outros povos é + pequena	4.84	1.084	.406	.276	.062	.569
Valores próprios			5.091	1.892	1.389	1.122
% de Variância			18.537	15.859	12.656	9.385
Total de % Variância					56.437	

Relativamente à consistência interna dos fatores os valores do alfa de Cronbach para os quatro fatores são, respetivamente .77, .74, .70 e .54.

Estabelecidas as categorias em que se agrupam os diversos itens

³⁴ Estes são dois dos itens que foram invertidos tal como se encontra mencionado na secção dos Instrumentos.

³⁵ Os itens estão escritos de forma abreviada por uma questão de espaço. Os itens na íntegra poderão ser consultados nos Anexos.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.

Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

calcularam-se algumas estatísticas descritivas. No Gráfico 1 estão representadas as médias de cada fator. É possível verificar que o Fator Capacidade de Adaptação é o que tem média mais elevada ($M=4.56$ e $DP=.72$) e o Fator Passado o que tem a menor média ($M=3.91$ e $DP=.92$).

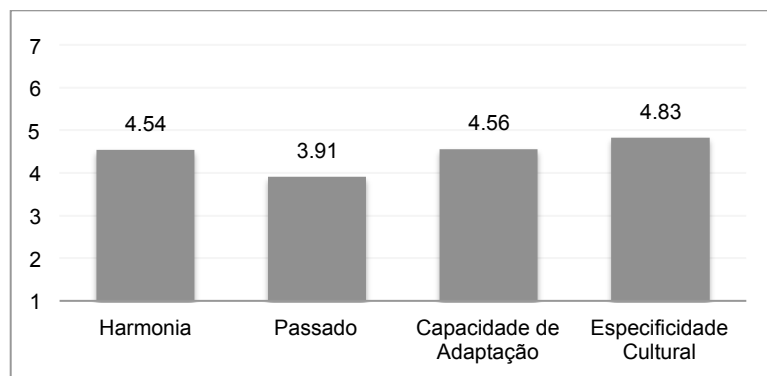


Gráfico 1. Valores médios dos 4 fatores do luso-tropicalismo (N=144).

Perceção de conflitos

Tal como nos casos anteriores, também aqui realizei em primeiro lugar os testes de adequação da amostra onde obtivemos como resultado do teste de KMO .73 que indica, à semelhança das secções anteriores, um nível de adequação bom. Também o teste de esfericidade de Bartlett teve resultados significativos ($\chi^2(55) = 544.786, p < .001$).

Por fim, efetuei a análise fatorial em componentes principais. Neste caso específico foi necessário experimentar diferentes soluções com diferentes critérios para chegar à solução final, tendo sempre como referência os resultados do estudo do Valentim (2003) e de Doise et al. (1999).

A solução final a que foi possível chegar (ver Tabela 2) remete para a criação de 4 fatores que explicam 70.38% de variância e são constituídos por itens com coeficientes superiores a .50. Por esta mesma razão, foi necessário excluir dois itens³⁶ que não apresentavam saturação superior a .50 em nenhum dos fatores.

³⁶ Os itens excluídos foram “Condições económicas” e “Sexos”.

Tabela 2. Percepção de conflitos - Análise em componentes principais: médias, desvios-padrão, saturação dos itens em 4 fatores após rotação varimax e estatísticas iniciais (N=144).

	M	DP	Fatores			
			F1 Etnicidade	F2 Ideologia	F3 Origem	F4 Dados demográficos
Cor de pele	4.43	1.347	.845	.197	.155	-.024
Raça	4.65	1.293	.834	.128	.152	.101
Origem nacional	3.51	1.317	.747	-.057	.091	.281
Língua	3.19	1.329	.676	.141	-.095	.294
Opiniões políticas	5.11	1.405	.019	.849	.065	.085
Religião	4.46	1.586	.278	.778	-.071	.098
Convicções	4.50	1.501	.054	.698	.453	.124
Origem familiar	4.05	1.276	-.043	.050	.856	.202
Origem social	4.69	1.237	.343	.117	.754	-.140
Idade	3.17	1.219	.143	.075	-.005	.898
Região	3.37	1.408	.320	.215	.158	.597
Valores próprios			3.086	1.628	1.277	1.030
% de variância			24.959	17.797	14.606	13.015
Total de % da variância					70.378	

Usando o trabalho de Doise et al. (1999) como referência para a denominação dos fatores chego a uma solução de 4 fatores distintos: Fator Etnicidade constituído por 4 itens (cor de pele, raça, origem nacional e língua) com um alfa de .83; Fator Ideologia, com 3 itens (opiniões políticas, religião e convicções) e alfa de .73; Fator Estatuto Social composto por 2 itens (origem familiar e origem social) e alfa de .60; e o Fator Identidade Atribuída também constituído apenas por 2 itens (idade e região) com um alfa de .58.

Entre os 4 fatores o que apresenta maior média (como podemos ver no Gráfico 2) é o Fator Ideologia ($M=4.69$ e $DP=1.21$) e o que tem menor média é o Fator Identidade Atribuída ($M=3.29$ e $DP=1.11$).

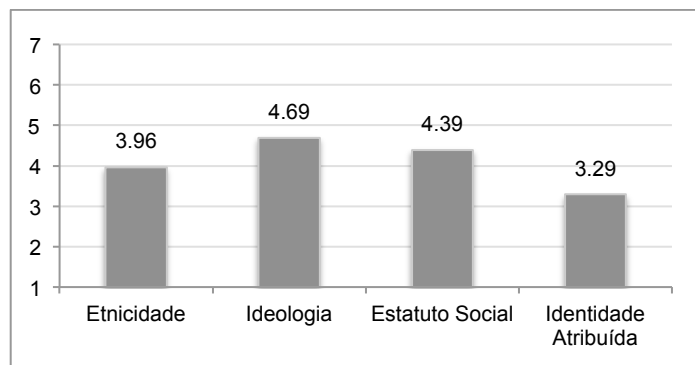


Gráfico 2. Valores médios dos 4 fatores da percepção de conflitos (N=144).

Emoções

Na linha do que foi feito com a escala de luso-tropicalismo e com a percepção de conflitos, também aqui comecei por averiguar a viabilidade da análise fatorial com os testes de KMO e Bartlett que apresentaram resultados bastante positivos: a medida de adequação da amostra de KMO foi de .87 que, à semelhança do caso anterior, indica um nível de adequação bom, e o teste de esfericidade de Bartlett teve, também, resultados significativos ($\chi^2(66) = 923.875, p < .001$).

De seguida, efetuei uma análise fatorial em componentes principais utilizando o critério de Kaiser (valores próprios superiores a 1) e rotação *varimax*. Esta solução distribui os 12 itens por 2 fatores (Emoções Positivas e Emoções Negativas) cujos coeficientes pontuam acima de .40 e explicam 63.77% da variância total. Assim, as 12 emoções distribuem-se pelos fatores da seguinte forma: Emoções Positivas – simpatia, solidariedade, sociabilidade, compreensão, confiança e tolerância; Emoções Negativas – medo, intimidação, humilhação, repulsa, indignação e hostilidade.

Tabela 3. Checklist de emoções - Análise em componentes principais: médias, desvios-padrão, saturação dos itens em 2 fatores após rotação varimax e estatísticas iniciais (N=142).

	M	DP	Fatores	
			F1 Positivas	F2 Negativas
Simpatia	4.70	1.346	.878	-.054
Solidariedade	4.39	1.287	.865	.021
Sociabilidade	4.39	1.487	.849	-.089
Compreensão	4.70	1.288	.837	-.186
Confiança	3.75	1.431	.778	.028
Tolerância	4.86	1.235	.761	-.299
Medo	2.25	1.411	.000	.861
Intimidação	2.22	1.255	-.072	.798
Humilhação	1.74	1.076	-.113	.741
Repulsa	2.02	1.194	-.192	.685
Indignação	2.35	1.316	-.283	.677
Hostilidade	2.82	1.644	.319	.548
Valores próprios			4.753	2.899
% de variância			36.350	27.417
Total de % da variância			63.767	

Ambos os fatores apresentam uma boa consistência interna, sendo o alfa, respetivamente, .91 e .81. Tal como é possível observar no Gráfico 3, a média do Fator Emoções Positivas é de 4.46 ($DP=1.12$) e do Fator Emoções Negativas de 2.23 ($DP=.94$).

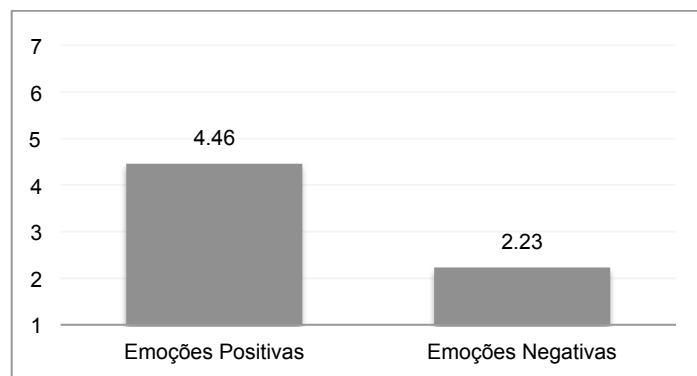


Gráfico 3. Valores médios dos 2 fatores das Emoções (N=142).

4.2. Grupos concorrentes no mercado de trabalho nacional: Análises descritivas

Tabela 4. Grupo concorrente mais forte no mercado de trabalho nacional (N=148).

Grupos concorrentes	Frequências	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Africanos lusófonos	7	5.1	5.1
Brasileiros	21	15.3	20.4
Latino-americanos não brasileiros	0	0	20.4
Asiáticos	70	51.1	71.5
Europeus da União Europeia	26	19.0	90.5
Europeus dos países de Leste	12	8.8	99.3
Outros	1	.7	100.0
Total	148		
Média	3.9		
Desvio-padrão	1.30		

Na Tabela 4 verifica-se que os grupos que mais se destacam como sendo percebidos como concorrentes no mercado de trabalho nacional são claramente os asiáticos (51.1%), os europeus da União Europeia (19%) e os brasileiros (15.3%).

4.3. Associação do luso-tropicalismo com a percepção de conflitos em Portugal e com as emoções

As última análises estatísticas realizadas foram correlações entre os resultados obtidos com a escala de luso-tropicalismo, de percepção de conflitos e das emoções.

Tabela 5. Correlações entre os fatores do Luso-tropicalismo e os fatores da percepção de conflitos

		Harmonia	Passado	Capacidade de Adaptação	Especificidade Cultural
	<i>r</i>	-.206*	-.222**	-.167*	-.375**
Etnicidade	Sig. (2 extremidades)	.013	.008	.047	.000
	N	144	143	142	144

**p < .01; *p < .05

Os resultados da primeira associação entre os fatores do luso-tropicalismo e os fatores da percepção de conflitos (conforme demonstra a Tabela 5) revelaram resultados bastante interessantes já que todas as

dimensões do luso-tropicalismo apresentam uma correlação negativa (e estatisticamente significativa) com o fator Etnicidade³⁷.

Só apresento aqui as correlações entre os fatores do luso-tropicalismo e um fator da percepção de conflitos (Fator Etnicidade) por ser o mais relevante para o estudo do luso-tropicalismo. O objectivo será observar as correlações com a categoria relacionada com a raça e a etnia e não tanto com convicções ou opiniões políticas (este aspecto será melhor explicado na discussão).

Tabela 6. Correlações entre os fatores do Luso-tropicalismo e os fatores das Emoções.

		Harmonia	Passado	Capacidade de Adaptação	Especificidade Cultural
	<i>r</i>	.027	.042	.038	-.021
Emoções Positivas	Sig. (2 extremidades)	.750	.620	.649	.801
	N	145	144	143	145
	<i>r</i>	-.007	.120	.148	-.189*
Emoções Negativas	Sig. (2 extremidades)	.936	.155	.080	.024
	N	142	141	141	142

**p < .01; *p < .05

Por fim, esta correlação entre os resultados dos fatores do luso-tropicalismo e dos fatores das emoções teve como objetivo perceber que emoções estão associadas a cada fator. Tal como podemos observar na Tabela 6 apenas existe uma correlação estatisticamente significativa entre o fator Especificidade Cultural e o fator Emoções Negativas [$r = -.189$ ($N=142$, $p < .01$)].

V - Discussão

A presente dissertação teve como principal objetivo explorar a permanência do mito do luso-tropicalismo, a sua associação com as emoções que provoca nos sujeitos para com os imigrantes com quem partilham os postos de trabalho. De facto, ao olharmos à nossa volta, esta crença, enquanto representação social parece continuar a caracterizar os portugueses como um povo com uma tolerância especial para com as tradições e costumes das populações com quem tiveram contacto durante o período

³⁷ Em anexo encontra-se a tabela com todos os fatores da percepção de conflitos que, para o estudo em questão, não têm importância, sendo por isso omitidas nesta parte da dissertação.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

colonial e, no presente, para com os imigrantes (Vala, Lopes & Lima, 2008). Esta crença, Freyre fundamentava-a com o argumento de que os portugueses não eram, nem são, xenófobos porque nunca proibiram a existência de minorias étnicas nem das suas tradições (Freyre, 1933).

É perante esta postura de renúncia do preconceito e o contexto socioeconómico atual caracterizado pelo aumento das taxas de imigração, que a questão sobre qual o verdadeiro impacto dos ideais luso-tropicalistas surge.

Para realizar esta investigação recolhemos, então, uma amostra de 148 estudantes das ciências sociais e utilizámos um questionário constituído por secções diferentes para avaliar diferentes variáveis.

Durante este processo é importante (voltar) a realçar dois aspetos que acabaram por influenciar os resultados apresentados e a respetiva interpretação. O primeiro prende-se com a desejabilidade social. Sendo a amostra constituída por estudantes das ciências sociais, não só o seu *mindset* está mais consciente das questões relativas aos “*do’s and don’ts*” do preconceito como é possível que, por isso mesmo, sintam uma maior pressão para responder consoante a norma e a conformidade. O segundo aspeto remete para a utilização de instrumentos que ainda carecem de robustez psicométrica. Apesar da escala de luso-tropicalismo estar atualmente em construção cabe-nos, ainda, a nós, contribuir para o seu aperfeiçoamento e validação. Já a *checklist* de emoções utilizada foi construída para este fim, sendo, por isso, a primeira vez que alguém a utilizou.

Estes pormenores devem ser considerados como algumas das limitações da investigação mas sem nunca se retirar o valor dos resultados que são apresentados, já que é apenas um estudo exploratório. Futuras investigações deverão partir deste ponto, melhorar os instrumentos, confrontar os seus resultados com os nossos e tentar retirar novas conclusões.

Luso-tropicalismo

Observando os resultados de forma isolada, relativos às análises fatorias e descritivas da escala de luso-tropicalismo é possível fazer a interpretação de que existem alguns indicadores que mostram a crença no luso-tropicalismo na população inquirida, ainda que a média dos fatores se

concentre, principalmente no ponto 4 (ponto médio de uma escala de 1 a 7). Na minha visão este resultado pode dever-se a dois aspetos diferentes: 1) indiferença ou não entendimento das situações a que os itens se referem (o ponto 4 refere-se ao valor *não concordo nem discordo*; 2) de facto as representações das ideias luso-tropicalistas já não estão tão presentes no nosso dia a dia como era esperado.

Assim, se observarmos bem cada dimensão, o Fator Especificidade Cultural, que se refere às características portuguesas, é o que tem a média de respostas mais alta ($M=4.83$) o que nos pode indicar que os portugueses continuam a perceber-se como um povo que integra bem os seus imigrantes e permite um ambiente harmonioso, indo assim ao encontro do mito luso-tropicalista. Já o fator com menor média é o Fator Passado ($M=3.91$ ³⁸) cujos itens se relacionam com o passado colonial pacífico e integrador. Este fator vai contradizer o anterior, não por se opor declaradamente, mas sim porque não é compatível com a ideia de que os portugueses eram um “povo especial, diferente pela positiva, pela bondade da suas relações com os outros, pelas suas capacidades de integração e de assimilação, onde os outros caem no racismo e na barbaridade” (Valentim, 2003, p. 147). Este resultado pode estar relacionado com o facto de haver uma maior consciência e conhecimento da realidade colonial portuguesa principalmente relacionado com a inexistência de reciprocidade cultural, tal como Boxer (1963) ou Cunha (1998) mencionavam. Além disso, é preciso considerar que a população inquirida tem, maioritariamente, cerca de 20 anos, facto que lhes concede alguma distância do acontecimento e uma perspetiva mais racional e fundamentada nas inúmeras perspetivas críticas face ao sucedido.

De facto com o avanço e o desenvolvimento de vários estudos nesta área tem-se vindo a ter um vasto conhecimento da realidade colonial corroborando-se o facto de que os portugueses foram violentos e tiveram que subjugar as colónias para manter o poder tal como Boxer (1963) já referia na

³⁸ Para complementar a minha interpretação destes dados utilizei como referência os resultados de Valentim (2015) que, com a mesma amostra, realizou análises estatísticas que permitem concluir que dos 4 fatores todos obtêm resultados que tendem para a concordância com as ideias luso-tropicalistas (ou seja, embora a média à exceção do Fator Passado cuja média (apesar de estar abaixo do ponto médio) reflete neutralidade.

sua obra.

Algo que também acho curioso mencionar é a diferença nas médias dos itens “De uma forma geral, a impressão que os portugueses têm dos imigrantes que vivem em Portugal é boa” e “De uma forma geral, a impressão que os imigrantes que vivem em Portugal têm dos portugueses é boa” porque a média de respostas dos portugueses em relação aos imigrantes é bem mais pequena ($M=4.07$) do que quando se trata da percepção dos portugueses relativa à impressão dos imigrantes sobre eles mesmos ($M=5.26$). Embora não haja aqui uma contradição entre as respostas dos dois itens, a verdade é que nos faz pensar se esta discrepância não representará a presença de racismo subtil.

Validação da escala de luso-tropicalismo

Tal como foi referido anteriormente, um dos objetivos desta dissertação prendia-se também com a tentativa de validar a escala de luso-tropicalismo.

Para isso, correlacionei os resultados dos fatores dessa mesma escala com os da dimensão Etnicidade da secção da percepção de conflitos (ver Tabela 5) obtendo como resultado correlações negativas entre o Fator Etnicidade e todos os outros fatores do luso-tropicalismo o que significa que, quanto maior for a adesão às ideias luso-tropicalistas menos conflitos de origem étnica são percecionados. Estes resultados não são estranhos na literatura já que, também no estudo de Valentim (2003) se obtiveram resultados semelhantes. Tal facto, leva-nos então a concordar com o autor quando afirma que estes dados sobre a percepção da origem das tensões e conflitos em Portugal podem ser considerados como um indicador da existência de crenças luso-tropicalistas, na medida em que a desvalorização da existência de conflitos étnicos pode ser considerada compatível com essas mesmas crenças (Valentim, 2003).

Uma outra fraqueza deste estudo remete para a limitação da solução fatorial adoptada na escala de luso-tropicalismo. Tal como já aqui mencionei, o Fator Especificidade Cultural é apenas constituído por 2 itens e tem uma consistência interna baixa ($\alpha=.54$), sendo que a razão pela qual o mantivemos foi devido à natureza exploratória do estudo e, por isso, para saber até que ponto é que seria possível explorar este fator antes de o

eliminar da estrutura da escala. Esta decisão acabou por se revelar conveniente como é possível observar nas suas associações com os resultados das emoções.

Emoções

Um resultado interessante de mencionar é que a média do Fator Emoções Positivas é muito mais alta ($M=4.46$, $DP=1.12$) que a média do Fator Emoções Negativas ($M=2.23$, $DP=.94$) o que significa que os sujeitos (inquiridos) quando confrontados com o que sentem relativamente aos imigrantes que vêm trabalhar para Portugal, sentem mais emoções negativas do que positivas. Este facto vai ao encontro das ideias luso-tropicalistas e do retrato do povo português como sendo bom anfitrião dos imigrantes e com menos racismo quando comparado com outros países europeus.

Emoções e luso-tropicalismo

O segundo grande objetivo desta tese era associar as emoções sentidas em relação aos imigrantes que vêm trabalhar para Portugal e as dimensões do luso-tropicalismo.

Os resultados que esperava³⁹ são bastante diferentes dos resultados que obtive. Partindo da ideia de que o luso-tropicalismo persiste, eram expectáveis dois resultados diferentes: 1) correlações negativas com o Fator Emoções Negativas e 2) correlações positivas com o Fator Emoções Positivas. Apenas um se concretizou, que foi uma correlação negativa (estatisticamente significativa) fraca entre o Fator Especificidade Cultural e o Fator Emoções Negativas, ou seja, quanto maior for a perceção de que as outras culturas se integram melhor e de forma harmoniosa em Portugal, menores são as emoções negativas sentidas para com os imigrantes quando ocupam os postos de trabalho disponíveis no mercado nacional.

Na tentativa de perceber quais são as emoções específicas que correlacionam negativamente com este fator realizei novas correlações entre os fatores do luso-tropicalismo e, desta vez, com todos os itens da *checklist*

³⁹ O que eu esperava encontrar era valores altos nos indicadores do luso-tropicalismo que comprovassem que as suas representações sociais continuam presentes e associado a isso emoções positivas como solidariedade, sociabilidade ou tolerância. Contudo, nenhuma dessas associações se verificou.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à perceção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

das emoções⁴⁰. Os resultados aqui revelaram-se interessantes já que além de correlações negativas entre o Fator Especificidade Cultural e os itens Medo [$r = -.230$ ($N=145$, $p < .01$)], Indignação [$r = -.168$ ($N=146$, $p < .05$)] e Humilhação [$r = -.333$ ($N=146$, $p < .01$)], também os fatores Passado e Capacidade de Adaptação obtiveram correlações, fracas, mas estatisticamente significativas com os itens Repulsa [respectivamente: $r = .179$ ($N=143$, $p < .05$) e [$r = .203$ ($N=143$, $p < .05$)] e Hostilidade [respectivamente: $r = .193$ ($N=145$, $p < .05$) e [$r = .206$ ($N=144$, $p < .05$)].

À primeira vista estas correlações podem parecer incongruentes e sem sentido. Contudo, elas não são assim tão estranhas já que vão ao encontro dos estudos que têm vindo a ser feitos por Pereira, Barros, Torres & Valentim (2015), Vala, Lopes e Lima (2008) e Valentim (2015). De facto a crença de que “somos luso-tropicalistas” não nos imuniza contra o preconceito. Este facto é visível por várias razões:

1) Mesmo que haja correlações negativas com as emoções (e no fator) negativas, não existe o seu oposto, ou seja, não existem correlações positivas nas emoções positivas o que nos leva a crer que, embora não haja sentimentos negativos também os positivos não são visíveis nem explícitos. Este aspeto pode simbolizar a existência de racismo subtil já que, segundo Vala, Brito e Lopes (1999) o preconceito para com grupos étnicos ou minoritários se pode expressar, principalmente, através de manifestações ténues como a negação de características positivas a esses grupos (em vez da atribuição de características negativas) (Valentim, 2011a). Embora os autores se refiram à atribuição de características penso que neste caso poderemos adaptar e considerar como se fosse atribuição de emoções. Afinal de contas as características que atribuímos a determinado grupo dependem do que sentimos sobre ele.

2) Partindo da definição de Pereira et al. (2003) de que o preconceito é “a negação de emoções positivas em relação ao grupo alvo do preconceito” podemos concluir que há indicadores do preconceito apesar das correlações

⁴⁰ Esta tabela pode ser consultada nos Anexos. Esta análise estatística posterior não pretendeu, em momento nenhum, desvalorizar os resultados obtidos com os fatores, mas sim complementá-los e aprofundá-los.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

tenderem para a concordância com a teoria luso-tropicalista⁴¹ (porque quanto maior a especificidade cultural, menor as emoções negativas).

3) Os resultados obtidos por Valentim (2015) revelam ser semelhantes e com o mesmo padrão em que, não só há correlações positivas entre dimensões do preconceito e todas as dimensões do luso-tropicalismo, mas também o Fator Especificidade Cultural mantém-se neutro a tender para a concordância dessas crenças.

Perceção de ameaça

Porque o preconceito pode ter origem na perceção de uma ameaça (Mathews & Levin, 2012) é importante também analisar os grupos que os sujeitos percecionam como sendo os seus maiores concorrentes.

Para tal, tive em conta a perspetiva de Vala, Lopes e Lima (2008) que consideram (devido aos resultados do seu estudo) que apesar do “alvo” do luso-tropicalismo serem os indivíduos negros, ou dos trópicos, os seus efeitos têm vindo a generalizar-se para uma categoria mais geral de imigrantes independentemente do seu país de origem, “raça” ou cor de pele.

O que é apresentado na Tabela 4 indica-nos que o grupo que é percecionado como mais forte concorrente são os asiáticos que, por sinal, são um grupo étnico que tem vindo progressivamente a crescer e expandir-se no mercado nacional. Segundo Ding Ning (2012) o Correio da Manhã em 2006 afirmava que já existiam em Portugal cerca de 15 mil chineses. Este grupo tem apresentado, como característica étnica, a tendência e a propensão para o desenvolvimento de iniciativas empresariais que, embora possam ajudar a combater o desemprego e a fomentar o desenvolvimento económico, passam, ao mesmo tempo, a ser considerados como mais concorrência (bem sucedida, por sinal), já que conseguem fornecer serviços e produtos substancialmente mais baratos.

Perceção de ameaça e respetivas emoções

Coenders e Scheepers (1998 *in* Zick, Pettigrew & Wagner, 2008) estudam a perceção de ameaça como sendo a expressão direta dos conflitos

⁴¹ Já que, quanto maior a concordância com a especificidade cultural segundo a perspetiva luso-tropicalista menos emoções negativas são sentidas, para com os imigrantes em contexto laboral.

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à perceção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

entre grupos sociais étnicos que levam ao preconceito. Os autores afirmam que existe sempre uma competição entre diferentes etnias pelos recursos mais escassos, como o emprego. Já Santos (2013) acrescenta que os cidadãos locais acabam por ver sempre os imigrantes como uma ameaça económica já que, se os empregam tornam-se concorrência (muitas vezes qualificada) ao ocuparem os seus lugares, mas se estão desempregados representam um custo social e possivelmente um risco.

Os resultados das análises (correlações entre as dimensões do luso-tropicalismo e as emoções) realizadas apontam para a possível existência do sentimento de repulsa e hostilidade que é bastante comum quando há percepção de uma ameaça real (Zick, Pettigrew & Wagner, 2008) e cultural, levando assim a comportamentos hostis e discriminatórios (Zárte et al., 2004).

VI - Conclusões

Décadas depois do período colonial, as relações entre Portugal e os países estrangeiros continuam a ser influenciadas por esta “ideologia difusa” (Alexandre, 1999a). Os motivos da sua persistência permanecem em estudo, alguns autores atribuem esse papel aos intensos mecanismos de propaganda do Estado Novo, outros consideram que esta postura harmoniosa e diferente do resto da Europa se deve simplesmente ao nacionalismo português.

Nesta dissertação, tentei explorar as representações do luso-tropicalismo e a sua permanência ou não, nos estudantes inquiridos e a possível associação com as emoções suscitadas pela entrada de imigrantes para os postos de trabalho portugueses.

Correndo o risco de me repetir, saliento de novo que este foi um estudo meramente exploratório e que por isso os resultados obtidos apresentam-se como uma primeira abordagem com algumas limitações metodológicas.

A conclusão geral que se pode tirar, corrobora estudos já feitos: apesar de ser visível a existência de dimensões do luso-tropicalismo estas, não contribuem para que haja menos preconceito para com os imigrantes, muito pelo contrário como os sujeitos não se consideram preconceituosos ou racistas, acabam por praticar alguns comportamentos discriminatórios de forma mais subtil e ténue (Vala, Brito & Lopes, 1999; Valentim, 2003,

2015).

Por sua vez, as emoções que lhe estão associadas, após análise das correlações, corroboram estas afirmações abrindo espaço para a questão da percepção de ameaça como origem do preconceito e dos comportamentos discriminatórios para com os imigrantes, quando se trata recursos escassos como os postos de trabalho.

Por fim, como indicação para investigações futuras considero essencial aprofundar a temática das emoções do preconceito para com os imigrantes em contexto laboral, já que a diversidade cultural é, cada vez mais, uma realidade e é necessário formar os colaboradores para a aprendizagem de técnicas, que permitam combater e eliminar comportamentos hostis e discriminatórios para com os estrangeiros e, assim, melhorar o ambiente organizacional e as próprias relações entre diferentes etnias.

Referências Bibliográficas

- Abreu, J. L. P. (2013). Afetos, Emoções e Conceitos Aparentados. *Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca*, 11(1), 46-51.
- Alexandre, M. (2004). Representação Social: uma genealogia do conceito. *Comum*, 10 (23), 122-138.
- Alexandre, V. (1999a). Luso-tropicalismo. In A. Barreto e M. F. Mónica (Coords.), *Dicionário de História de Portugal: Vol 8* (pp. 391-394). Lisboa: Figueirinhas.
- Alexandre, V. (1999b). O império e a ideia de raça (séculos XIX e XX). In J. Vala, *Novos Racismos* (pp. 133-144). Oeiras: Celta Editora.
- Alferes, V. (1997). *Investigação científica em psicologia: Teoria e prática*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Boxer, C. (1963). *Racial relations in the Portuguese Colonial Empire*. Londres: Oxford University Press.
- Brewerton, P., & Millward, L. (2001). *Organizational research methods*. London: Sage Publications.
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*, 14(28), 125-137. DOI:10.1590/S0103-863X2004000200003.
- Castelo, C. (1998). *"O Modo Português de Estar no Mundo". O Luso-tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento.
- Castelo, C. (2011). Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre. *Blogue de História Lusófona*, 261-280.
- Cottrell, C. A. & Neuberg, S. L. (2005). Different Emotional Reactions to Different Groups: A Sociofunctional Threat-Based Approach to "Prejudice". *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(5), 770–789. DOI:10.1037/0022-3514.88.5.770.
- Cunha, I. F. (1998). Lusotropicalismo, racismo e identidade. *Revista Brasileira de Ciência da Comunicação*, XXI (1), 65-82.
- Damásio, A. R. (2008). *O sentimento de si: O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência* (16ª Ed). Sintra: Publicações Europa-América.

- Ning, D. (2012). *A comunidade chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração*. Dissertação de Mestrado: Instituto de Letras e Ciências Humanas.
- Doise W., Spini, D., & Clemence, A. (1999). Human rights studied as social representations in a cross-national context. *European Journal of Social Psychology*, 29, 1-29.
- Esses, V. M., Dovidio, J. F., Jackson, L. M., & Armstrong, T. L. (2001). The immigration dilemma: The role of perceived group competition, ethnic prejudice, and national identity. *Journal of Social Issues*, 57, 389–412. DOI:10.1111/0022-4537.00220.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. London: Sage Publications.
- Freyre, G. (1933/s.d.). *Casa-Grande & Senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Gondim, S. M. G., Techio, E. M., Paranhos, J., Moreira, T., Brantes, C., Sobrinho, J. B., & Santana, V. (2013). Imigração e trabalho: Um estudo sobre a identidade social, emoções e discriminação contra estrangeiros. *Psicologia em pesquisa*, 7(2), 151-163. DOI: 10.5327/Z1982-1247201300020003.
- Hainaut, L. (1997). *Conceitos e métodos da estatística (2ªed)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jesuino, J.C. (1993). A psicologia social europeia. Em J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leyens, J. P., Paladino, P. M., Rodriguez-Torres, R., Vaes, J., Demoulin, S., Rodriguez-Peres, A. & Gaunt, R. (2000). The emotional side of prejudice: The attribution of secondary emotions to ingroup and outgroups. *Personality and Social Psychology Review*, 4, 186-198. DOI: 10.1207/S15327957PSPR0402_06.
- Mathews, M. & Levin, S. (2012). Testing a dual process model of prejudice: Assessment of group threat perceptions and emotions. *Motiv Emot*, 36, 564-674. DOI 10.1007/s11031-012-9280-y.
- Miguel, I. C. (2010). *A inteligência e o seu desenvolvimento: representações sociais, valores e estilos parentais. Perspetivas em análise*. Tese de

- doutoramento em Psicologia: Universidade de Coimbra.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas (Ed.) *Social cognition: Perspectives on everyday understanding* (pp.181-209). London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. In R. Farr & Moscovici (Eds.), *Social Representations* (pp. 3-69). Cambridge: Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250. DOI: 10.1002/ejsp.2420180303.
- Müller, T. (2003). Migration, unemployment and discrimination. *European Economic Review*, 47, 409-427.
- Oliveira, C. R. & Gomes, N. (2014). *Monitorizar a Integração de Imigrantes em Portugal*. Lisboa: Observatório das migrações.
- Pereira, C. R., Barros, C., Torres, A. R. R. & Valentim, J. P. (2015). *O papel do preconceito e do lusotropicalismo nas atitudes face à imigração qualificada*. Comunicação no 1º Congresso da Associação Internacional das Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa.
- Pereira, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. T. (2003). Um estudo do preconceito na perspetiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95-107. DOI:10.1590/S0102-79722003000100010.
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75. DOI: 10.1002/ejsp.2420250106.
- Poeschl, G., Valentim, J. P. & Silva, B. P. (submetido, 2014). As mil sombras da crise económica-financeira: Um estudo sobre as representações sociais da crise em Portugal.
- Reeve, J. (2009). *Understanding Motivation and Emotion* (5th edition). USA: John Wiley & Sons.
- Santos, L. B. (2013). Prejudice, discrimination, luso-tropicalism, lusophony, and organizational justice in Portugal, from the point of view of brazilian immigrants. *Revista Psicologia Organizações e trabalho*,

- 13 (1), 61-74.
- Stephan, W. G., & Stephan, C. W. (2000). An integrated threat theory of prejudice. In S. Oskamp (Ed.), *Reducing prejudice and discrimination* (pp. 23-45). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais – I*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vala J., Brito, R. & Lopes, D. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Vala, J. L., Lopes, D., & Lima, M. (2008). Black Immigrants in Portugal: Luso-Tropicalism and Prejudice. *Journal of Social Issues* , 64 (2), 287-302. DOI: 10.1111/j.1540-4560.2008.00562.x.
- Vala, J., & Castro, P. (2013) Pensamento social e representações sociais. In Vala., & Monteiro, B. M (Eds). *Psicologia Social* (9ª ed., pp. 569-602) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valentim, J. P. (2003). *Identidade e lusofonia nas representações sociais de portugueses e de africanos*. Tese de doutoramento em Psicologia: Universidade de Coimbra.
- Valentim, J. P. (2005). *Sobre Gilberto Freyre e a "adversidade ao mestiçamento"*. Simposium: Historia de la psicologia en España e Portugal.
- Valentim, J. P. (2011a). Representações sociais do luso-tropicalismo e olhares cruzados entre portugueses e africanos. In M. J. Simões (Ed.), *Imagótipos literários: processos de (des)configuração na imagiologia literária* (pp. 57-75). Bern : Peter Lang.
- Valentim, J. P. (2011b). Social psychology and colonialism: luso-tropicalism as a social representation in the context of a contemporary portuguese society. In J. P. Valentim (Ed.), *Societal approaches in social psychology*. (pp. 180-194).
- Valentim, J. P. (2015). *O luso-tropicalismo como representação social: variações e ancoragens*. Comunicação no 1º Congresso da Associação Internacional das Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa.
- Zárate, M. A., Garcia, B., Garza, A. A. & Hitlan, R. T. (2004). Cultural threat and perceived realistic group conflict as dual predictors of prejudice. *Journal of experimental social psychology*, 40, 99-105.

DOI:10.1016/S0022-1031(03)00067-2.

Zick, A., Pettigrew, T. F. & Wagner, U. (2008). Ethnic Prejudice and Discrimination in Europe. *Journal of Social Issues*, 64(2), 233-251.

Anexos

Anexo 1 – Questionário RSL (Valentim, 2003; 2014)

Este questionário faz parte de uma investigação europeia na qual participa a Universidade de Coimbra. Todas as respostas são anónimas e os dados serão tratados de modo colectivo na mais estrita confidencialidade. À excepção de alguns dados solicitados na última página, não há respostas certas ou erradas, nem boas ou más respostas. O que é importante é que responda de acordo com aquilo que pensa ou sente. Por motivos estatísticos, agradecemos que responda a TODAS as questões.

Agradecemos desde já a sua colaboração.

Na sua opinião, em que medida é que em Portugal há tensões e conflitos entre indivíduos de diferente(s):

Condições económicas.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Origens sociais.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Origens familiares.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Idades.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Regiões.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Raças.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Cor da pele.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Origens nacionais.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Línguas.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Convicções.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Opiniões políticas.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Religiões.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos
Sexos.....	Nenhuns conflitos	1	2	3	4	5	6	7	Muitos conflitos

Apresentamos de seguida algumas afirmações sobre os portugueses. Indique em que medida concorda com cada uma delas.

	Discordo Totalmente	Discordo Muito	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Muito	Concordo Totalmente
As características da cultura portuguesa facilitam a integração de pessoas de outras culturas na sociedade portuguesa contemporânea.	1	2	3	4	5	6	7
Comparando com os outros países europeus, pode dizer-se que em Portugal existe menos racismo.	1	2	3	4	5	6	7

As emoções associadas ao luso-tropicalismo e à percepção de ameaça face aos emigrantes em contexto laboral: um estudo com estudantes portugueses.
Ana Filipa Grade Costa Rodrigues da Silva (anagradesilva@gmail.com) 2015

A história colonial portuguesa caracterizou-se pela integração cultural com os povos colonizados.	1	2	3	4	5	6	7
As tensões e conflitos entre os portugueses e as pessoas de outras origens são pequenas comparadas com as de outros países.	1	2	3	4	5	6	7
Faz parte da tradição portuguesa relacionar-se bem com outros povos.	1	2	3	4	5	6	7
A história colonial portuguesa caracterizou-se pela mestiçagem com os povos colonizados.	1	2	3	4	5	6	7
As pessoas de outras culturas são mais respeitadas em Portugal do que noutros países.	1	2	3	4	5	6	7
A história colonial portuguesa foi mais pacífica e benevolente do que a de outras potências coloniais.	1	2	3	4	5	6	7
As pessoas de outras culturas têm mais dificuldade em integrar-se na sociedade portuguesa do que noutros países.	1	2	3	4	5	6	7
O passado colonial de Portugal foi uma história de violência e barbaridade.	1	2	3	4	5	6	7
De uma forma geral, a impressão que os imigrantes que vivem em Portugal têm dos portugueses é boa.	1	2	3	4	5	6	7
As características dos portugueses favoreceram um processo de colonização marcado pelo convívio harmonioso entre povos.	1	2	3	4	5	6	7
De uma forma geral, a impressão que os portugueses têm dos imigrantes que vivem em Portugal é boa.	1	2	3	4	5	6	7
Ao longo da história da colonização, os portugueses demonstraram uma singular capacidade de adaptação à vida nas regiões tropicais.	1	2	3	4	5	6	7
A história colonial portuguesa caracterizou-se pela exploração e segregação dos povos colonizados.	1	2	3	4	5	6	7
Hoje em dia, a harmonia entre os portugueses e as pessoas de outras culturas é pequena comparada com a de outros países	1	2	3	4	5	6	7
A colonização portuguesa não teve o carácter opressivo que se verificou no caso de outras nações	1	2	3	4	5	6	7

Para responder às perguntas apresentadas a seguir indique qual o grupo que lhe parece o mais forte concorrente no mercado de trabalho nacional. Indique apenas um dos seguintes grupos:

Africanos lusófonos (provenientes de países com língua oficial portuguesa).

Indique de que país(es): _____

Brasileiros _____

Latino-americanos não brasileiros. Indique de que país(es):

Asiáticos. Indique de que país(es): _____

Europeus da União Europeia. Indique de que país(es):

Europeus dos países de Leste. Indique de que país(es):

Outros. Quais? (indique de que país/es): _____

Geralmente, quando pensa nos imigrantes que vêm trabalhar para Portugal (do grupo que designou como mais forte concorrente) em que medida sente:

	Nada					Muito	
Tolerância	1	2	3	4	5	6	7
Sociabilidade	1	2	3	4	5	6	7
Repulsa	1	2	3	4	5	6	7
Simpatia	1	2	3	4	5	6	7
Medo	1	2	3	4	5	6	7
Hostilidade	1	2	3	4	5	6	7
Intimidação	1	2	3	4	5	6	7
Solidariedade	1	2	3	4	5	6	7
Compreensão	1	2	3	4	5	6	7
Confiança	1	2	3	4	5	6	7
Indignação	1	2	3	4	5	6	7
Humilhação	1	2	3	4	5	6	7

Por último, pedimos-lhe alguns dados sobre si:

Homem ___ Mulher ___ Idade: _____ Nacionalidade _____

Curso _____ Ano _____

Muito obrigado pela sua participação!

Anexo 2 – Tabela de correlações entre os fatores do Luso-tropicalismo e todos os itens das Emoções.

		Harmonia	Passado	Capacidade de adaptação	Especificidade cultural
Tolerância	<i>r</i>	.067	-.034	-.126	.026
	Sig. (2 extremidades)	.420	.685	.133	.757
	N	146	145	144	146
Sociabilidade	<i>r</i>	.030	.052	.104	-.037
	Sig. (2 extremidades)	.722	.538	.213	.656
	N	146	145	144	146
Repulsa	<i>r</i>	.098	.179*	.203*	-.046
	Sig. (2 extremidades)	.242	.033	.015	.581
	N	144	143	143	144
Simpatia	<i>r</i>	-.001	.014	-.008	.017
	Sig. (2 extremidades)	.995	.869	.926	.834
	N	146	145	144	146
Medo	<i>r</i>	-.056	.078	.030	-.230**
	Sig. (2 extremidades)	.501	.351	.725	.005
	N	145	144	143	145
Hostilidade	<i>r</i>	.102	.193*	.206*	-.156
	Sig. (2 extremidades)	.220	.020	.013	.060
	N	146	145	144	146
Intimidação	<i>r</i>	.045	.113	.077	-.077
	Sig. (2 extremidades)	.589	.179	.360	.360
	N	145	144	143	145
Solidariedade	<i>r</i>	.041	.041	.087	-.030
	Sig. (2 extremidades)	.627	.628	.299	.721
	N	146	145	144	146
Compreensão	<i>r</i>	.040	.041	.072	.033
	Sig. (2 extremidades)	.632	.621	.390	.688
	N	146	145	144	146
Confiança	<i>r</i>	-.036	.071	.028	-.099
	Sig. (2 extremidades)	.668	.397	.740	.237
	N	145	144	143	145
Indignação	<i>r</i>	-.054	-.066	.078	-.168*
	Sig. (2 extremidades)	.515	.429	.353	.042
	N	146	145	144	146
Humilhação	<i>r</i>	-.123	.048	.066	-.333**
	Sig. (2 extremidades)	.138	.568	.434	.000
	N	146	145	144	146

Anexo 3 – Tabela de correlações entre os fatores do Luso-tropicalismo e os fatores da percepção de conflitos

		Harmonia	Passado	Capacidade de Adaptação	Especificidade Cultural
Etnicidade	<i>r</i>	-.206*	-.222**	-.167*	-.375**
	Sig. (2 extremidades)	.013	.008	.047	.000
	N	144	143	142	144
Ideologia	<i>r</i>	-.078	-.120	-.094	-.070
	Sig. (2 extremidades)	.353	.154	.268	.407
	N	144	143	142	144
Estatuto Social	<i>r</i>	-.120	-.237**	-.179*	-.110
	Sig. (2 extremidades)	.152	.004	.032	.188
	N	145	144	143	145
Identidade Atribuída	<i>r</i>	-.072	-.073	-.084	-.259**
	Sig. (2 extremidades)	.391	.385	.317	.002
	N	145	144	143	145